

# A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO: APROXIMAÇÕES COMPLEMENTARES ENTRE A ANÁLISE DE MICHEL FOUCAULT E INGETRAUT DAHLBERG<sup>1</sup>

Jackson da Silva Medeiros

**Resumo:** Analisa a construção do conceito a partir das proposições de Michel Foucault, a qual deriva da formação discursiva buscando formação social do conceito, e de Ingetraut Dahlberg, onde se busca a construção de Sistemas de Organização do Conhecimento com sua unidade baseada em conceitos que, por sua vez, é constituído pelo referente, por características e pelo termo. Desse modo, este trabalho visa compreender as relações que as duas teorias podem apresentar e busca sua utilização de forma complementar.

**Palavras-chave:** Conceito. Organização do conhecimento. Modelagem conceitual.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho busca interpretar a construção do conceito quando proposto por Michel Foucault, em *A arqueologia do saber*, e Ingetraut Dahlberg, de modo a traçar caminhos pelos quais os dois teóricos percorrem para descrever esta formação. Embora este não seja um trabalho de cunho exaustivo, que procure percorrer a vasta literatura disponibilizada pelos autores, busca delimitar a forma como os autores veem a construção do conceito.

Foucault trabalha com a questão da formação discursiva e da episteme, a qual define como sendo “o conjunto das relações que podem unir, em uma dada época, as práticas discursivas que dão lugar a figuras epistemológicas, a ciências, eventualmente a sistemas formalizados” (FOUCAULT, 2008, p. 214). Deste modo, a episteme é o “conjunto de relações entre ciências, figuras epistemológicas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na disciplina Informação, cultura e memória, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, no segundo semestre de 2009.

positividades e práticas discursivas, [que] permite[m] compreender o jogo das coações e das limitações que, em um momento determinado, se impõem ao discurso” (FOUCAULT, 2008, p. 215). Sua obra trata da formação de enunciados e, por conseguinte, da formação de conceitos, um dos elementos constituintes dos enunciados.

Antes de prosseguir, é interessante ressaltar a importância da cultura na formação de conceitos. Esta questão perpassa sociedades e indivíduos, influenciando o modo como os atores envolvidos no processo de construção de sistemas de organização do conhecimento (*Knowledge Organization Systems – KOS*) (e consequente organização da informação) constroem estes instrumentos. Este processo envolve a mentalidade, ou seja, as manifestações do modo de pensar de um indivíduo ou grupo, colocando em pauta a questão do contexto a que o indivíduo e instrumentos são submetidos.

Salienta-se, também, as relações entre os conceitos. Faz-se isto pois acredita-se que as relações estabelecidas entre conceitos fazem com que sejam propostas as atividades, processos que vinculam os conceitos uns aos outros, e assim sejam capazes de revelar grande parte do conhecimento registrado e suas questões subjacentes. Este processo é parte da modelagem conceitual, processo de criação de modelos mentais representados a partir da abstração de conceitos, ou seja, da conceitualização existente sobre determinado domínio.

## **2 A IDEIA DE MICHEL FOUCAULT**

Foucault, em seu versar sobre o discurso, trata constantemente do enunciado. Aqui é tratado também o conceito. Assim é possível dizer que um está contido no outro de forma a não ser praticável julgar se um ou outro têm maior ou menor complexidade, mas são partes que formam outras partes, sendo os enunciados formados por conceitos e o discurso plasmado por enunciados.

Anteriormente à análise do objeto do trabalho, devem ser definidas categorias mais amplas, como enunciado e discurso. O primeiro não é um componente indissolúvel, que pode ter seu *corpus* isolado e inerte no mundo. Deste modo, não se coloca o enunciado exclusivamente em função de proposições bem definidas (FOUCAULT, 2008).

O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles ‘fazem sentido’ ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita). (FOUCAULT, 2008, p. 98).

Já o discurso designa “um conjunto de *performances* verbais” (FOUCAULT, 2008, p. 112). Com isso é permitido entender o discurso como sendo uma categoria de existência, estando presente através da sua constituição por signos, ou seja, o conjunto de enunciados capazes de pronunciar enunciados que não estejam relacionados entre si. Como ressalta Foucault (2008, p. 132-133),

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2008, p. 132-133).

Em caráter complementar, Foucault (2008, p. 54-55) diz que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o

intrincamento entre um léxico e uma experiência; [...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos. (FOUCAULT, 2008, p. 54-55).

Araújo (2007, p. 8) diz que “em cada formação [discursiva], conceitos são dispostos de certa forma e utilizados conforme o campo de saber e o modo como ele se relaciona, se diferencia, se associa ou não a outros campos de saber”.

Nota-se, ainda, que a organização nos campos dos enunciados segue uma forma de sucessão. Estas ordens podem ser dadas por diversas disposições das séries enunciativas (quer seja a ordem das inferências, das implicações sucessivas e dos raciocínios demonstrativos; ou a ordem das descrições, os esquemas de generalização ou de especificação progressiva aos quais obedecem, as distribuições espaciais que percorrem. (FOUCAULT, 2008, p. 63).

É notável que os séculos XVII e XVIII foram responsáveis não apenas pelo desenvolvimento do conceito de gênero, abordado pela questão da classificação dos mamíferos desenvolvida por Lineu, mas também pela caracterização de enunciados, permitindo que uma ordem fosse estabelecida para a formação e/ou encadeamento de conceitos (FOUCAULT, 2008).

No entanto, com o interesse por conceitos renascendo a partir do século XVII, o conceito pode ser assumido a partir da disposição geral dos enunciados e sua seriação em conjuntos determinados; é a maneira de transcrever o que se observa e de reconstituir, no fio dos enunciados, um percurso perceptivo; é a relação e o jogo de subordinações entre descrever, articular em traços

distintivos, caracterizar e classificar; é a posição recíproca das observações particulares e dos princípios gerais; é o sistema de dependência entre o que se aprendeu, o que se viu, o que se deduz, o que se admite como provável, o que se postula. (FOUCAULT, 2008, p. 63).

Foucault aborda a questão da representação conceitual a partir de uma linguagem, independente de uma forma ou limitações, sempre pensando em um mundo conceitual, abstraído da realidade. Com a problemática na construção de conceitos também sendo abordada por Foucault (2008), é possível afirmar que as formas de organização para formulação de conceitos, dentre elas, “os diversos tipos de correlação dos enunciados”, também devem ser abordadas.

Em continuação, Foucault (2008) diz que as relações, instauradas entre enunciados, podem advir de vários campos do conhecimento, como “da verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro”. Além do mais, conclui o autor, as relações podem ser implícitas ou explícitas.

Foucault não entra em detalhes quanto ao explícito e implícito no que se refere às relações que podem ser admitidas a partir de um enunciado. Deste modo é procurado, mais adiante, clareza quanto à utilização destes conceitos, baseados na Teoria do Conceito de Ingtraut Dahlberg.

Essa visão de Foucault (2008) admite a heterogeneidade dos elementos que envolvem a construção de conceitos e enunciados, e, em consequência, relata a complexidade que envolve o tema, afirmando que

alguns constituem regras de construção formal; outros, hábitos retóricos; alguns definem a configuração interna de um texto; outros, os modos de relações e de interferência entre textos diferentes; alguns são característicos de uma época determinada, outros têm

uma origem longínqua e um alcance cronológico muito grande. Mas o que pertence propriamente a uma formação discursiva e o que permite delimitar o grupo de conceitos, embora discordantes, que lhe são específicos, é a maneira pela qual esses diferentes elementos estão relacionados uns aos outros. (FOUCAULT, p. 65-66, 2008).

Cabe também ressaltar a proposição do, chamado por Foucault (2008), nível “pré-conceitual”, a partir de esquemas teóricos concebidos nos séculos XVII e XVIII em gramática geral, a saber: (i) atribuição, (ii) articulação, (iii) designação e (iv) derivação. Estes esquemas compreendem as relações entre os conceitos, a questão da pertinência do conceito em dado domínio e o processo de formação gramatical do conceito. Isto está posto no esquema de atribuição, como ligação ou radical verbal, de articulação, com especificação do sistema fonético, dos nomes, substantivos e alfabeto, de designação, pela análise de substantivação, de raiz nominal e silábica e de derivação, de onde se originam os conceitos de metáfora e poética. Desta maneira, este nível pode ser dito como o conjunto de regras que são aplicadas na criação do conceito. Ainda segundo o autor, estas bases não permitem que se possa entender o conceito a partir de uma sistemática genérica ou abstrata.

Com efeito, apesar da complexidade do tema, o entendimento genérico e abstrato é pertinente de análise. Para tal, as questões que envolvem a construção do conceito são discorridas a partir do pensamento de Ingetraut Dahlberg, que sistematizou e formalizou teoria pertinente à Organização do Conhecimento com base na Teoria Geral da Terminologia, de Eugene Wüster, e na Teoria da Classificação Facetada, de Ranganathan: a Teoria do Conceito.

### **3 A IDEIA DE INGETRAUT DAHLBERG**

As asserções até aqui expostas apenas vêm a confirmar a complexidade em que é dada a construção de conceitos. Convém lembrar que a formação de conceitos detém complexidade desde sua expressão em linguagem natural e, por conseguinte, acarreta notáveis questões que envolvem o processamento de linguagens artificiais.

De início nota-se que algumas normas da ISO (*International Organization for Standardization*) definem conceito como sendo “unidades de pensamento”, ou ainda “constructos mentais”. Estas definições, como ressalta Dahlberg, apontam para a construção individualizada do conceito, dando a entender que este esteja presente apenas na mente de cada indivíduo, propondo, assim, que pensemos o conceito como “unidades de conhecimento”.

Ao analisar um universo de itens e selecionar um item de referência, lida-se com o referente. As afirmações verdadeiras sobre este item podem ser expressas em determinada forma verbal, que utiliza um termo ou um nome. É a partir de então que se atinge o universo de discurso pretendido, ou seja, o domínio em questão. Com efeito, Dahlberg (1992, p. 65, tradução nossa) assume que um conceito “é criado pela predicação sobre um objeto de interesse, o também chamado *referente*”.

Esta visão permite analisar que, de acordo com a autora (1978a, p. 143), “um conceito é uma unidade de conhecimento, compreendendo afirmações verdadeiras sobre um dado item de referência, apresentado na forma verbal”. Para a autora, (a) afirmações verdadeiras (características) são componentes que expressam atributos sobre o item de referência, (b) item de referência é o componente que mantém relações sobre as afirmações verdadeiras e a forma verbal, chegando ao referente e (c) formal verbal (termo/nome) é o representante que sintetiza o conceito com o propósito de representação. Isto é representado na Figura 1. A Figura 2, do chamado pela autora de “Triângulo do conceito”, e que deriva da Figura 1, serve como modelo formal para representar as partes do conceito.

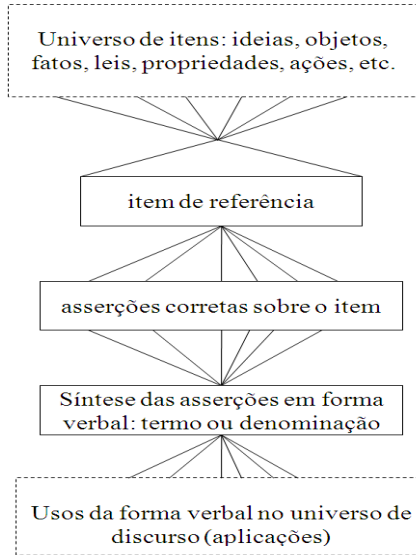


Figura 1: Modelo para construção do conceito  
 Fonte: Dahlberg, (1978a, p. 143)

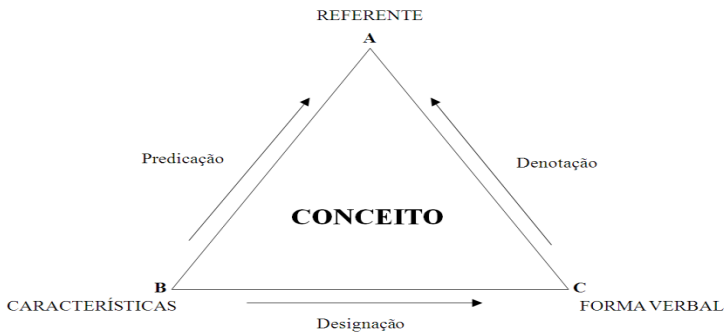


Figura 2: Triângulo do conceito, a representação formal da unidade de conhecimento  
 Fonte: Dahlberg (1978a, p. 144)

Correlaciona-se a ideia de Foucault (2008, p. 69), ao dizer que



as regras de formação têm seu lugar não na ‘mentalidade’ ou na consciência dos indivíduos, mas no próprio discurso; elas se impõem, por conseguinte, segundo um tipo de anonimato uniforme, a todos os indivíduos que tentam falar nesse campo discursivo. Por outro lado, não são consideradas universalmente válidas para todos os domínios indiscriminadamente; são sempre descritas em campos discursivos determinados, e suas possibilidades indefinidas de extensão não são reconhecidas antecipadamente.

Esta questão permite dizer que a construção de conceitos está ligada diretamente ao domínio em que o sistema está inserido, criando a necessidade de trabalhar com modelagem conceitual, imprimindo questões que devem ser analisadas independentemente de domínio. Para elucidar, utiliza-se como exemplo o caso do Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira<sup>2</sup>, onde seus elementos constituintes, os conceitos representados por termos, têm sua pertinência conceitual abordada dentro daquele domínio, e não serviriam para o mapeamento de outro.

Aqui, a partir da Teoria do Conceito, nota-se as relações entre os conceitos. Estas são responsáveis pela ligação entre conceitos, permitindo, por exemplo, que determinadas máquinas possam realizar inferências a partir de conceitos distintos e das relações permitidas entre eles, como é o caso das ontologias<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O domínio do Folclore e Cultura Popular Brasileira está sendo analisado na pesquisa de Mestrado desenvolvida pelo autor no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza de Almeida Campos.

<sup>3</sup> Guarino, em *Formal Ontology in Information Systems* (1998), define ontologia como “uma teoria lógica correspondente ao significado pretendido de um vocabulário formal, ou seja, seu compromisso ontológico com uma conceitualização particular de mundo. Os modelos pretendidos de uma linguagem lógica usada como vocabulário são restritos pelo seu compromisso ontológico”.

Dahlberg (1978b) distingue as relações entre conceitos em quantitativas e qualitativas. A primeira busca comparar dois conceitos distintos de acordo com uma visão formal. Assim, podem ser identificadas da seguinte maneira:

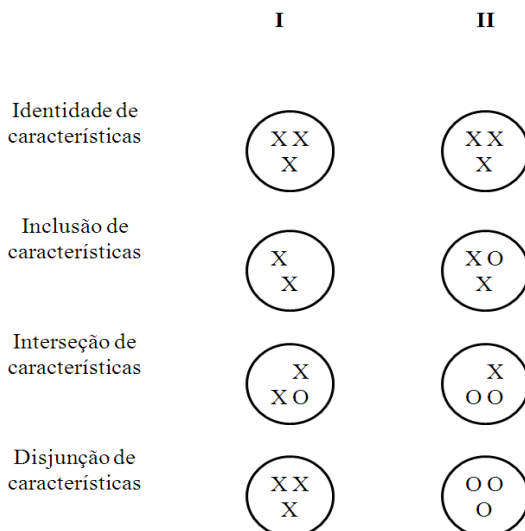


Figura 3: Comparação de conceitos do ponto-de-vista da lógica formal  
 Fonte: Dahlberg (1978b, p. 18)

A segunda pode ser dividida a partir de seus relacionamentos, a saber: formal/categorial, material-paradigmática e funcional-sintagmática, e podem ser assim descritas:

- a) Relação formal/categorial: depende do referente conceitual escolhido e é baseada no processo de categorização do mesmo.
- b) Relação material-paradigmática: depende da categoria fundamental do objeto do conceito. Pode ser subdividida em:
  - I. Relação hierárquica: quando dois conceitos apresentam características iguais, sendo que um dos conceitos possui uma ou mais características a mais ou a menos.

- II. Relação partitiva: relação entre o inteiro e suas partes.
- III. Relação de oposição: relação de contrariedade entre os conceitos.
- c) Relação funcional-sintagmática: aqui estão inseridas as relações associativas. Dependendo da necessidade, de forma obrigatória ou facultativa, algumas características podem ser identificadas, tais como: instrumentalidade, condição, co-ocorrência, lugar, causalidade, modalidade, resultado, tempo, finalidade, potencialidade, etc.

O processo de categorização permite que seja realizada uma visualização do todo, do domínio envolvido, sistematizando o conhecimento que ali se encontra. Categorias são obtidas a partir do momento em que são “inferidas predicções verdadeiras e finais a respeito de um item de referência desta realidade observada” (CAMPOS, 2001, p. 103-104).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A rede de criação de conceitos, baseada em Dalhberg e Foucault, mostra a importância da temática, bem como sua complexidade. Seu trato envolve questões de cunho teórico e metodológico através de campos de aplicação, onde as teorias que procuram evidenciar relações existentes no mundo podem ser validadas.

O entendimento social do discurso, em Foucault, aliado à Teoria do Conceito, em Dalhberg, pode trazer aspectos relevantes para o estudo de conceitos dentro da Organização do Conhecimento, uma vez que a criação de Sistemas de Organização do Conhecimento deve analisar aspectos do indivíduo e da sociedade durante sua construção, como memória e cultura e, por assim dizer, o contexto.

Embora com abordagens diferenciadas, tanto em Dahlberg quanto em Foucault, é admissível que a construção do conceito esteja baseada na síntese de predicções sobre uma unidade de

conhecimento. Esta, por sua vez, admite relações entre outras unidades da mesma ou de outra natureza, permitindo que os sistemas de recuperação da informação se utilizem dela como ferramenta para a construção de modelagens conceituais bem fundamentadas, ou seja, capazes de mapear um determinado domínio e atuar como representante do domínio observado.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. Formação discursiva como conceito chave para a arqueogenealogia de Foucault. **Revista Aulas**, n. 3, dez. 2006/mar. 2007. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/14.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2009.

CAMPOS, M. L. A. **Linguagens documentárias**: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói: EdUFF, 2001. 133 p.

DAHLBERG, I. A referent-oriented analytical concept theory of interconcept. **International Classification**, Frankfurt, v. 5, n. 3, p. 142-150, 1978a.

DAHLBERG, I. Knowledge organization and Terminology: philosophical and linguistic bases. **International Classification**, Frankfurt, v. 19, n. 2, p. 65-71, 1992.

DAHLBERG, I. **Ontological structures and universal classification**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment, 1978b. 61 p.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978c. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/1680/1286>>. Acesso em: 22 dez. 2009.

Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.15, n.2, p. 41 -53, jul./dez., 2010.

FISCHER, R. M. B. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 114, nov. 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_arttext)>. Acesso em: 28 dez. 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2008. 236 p.

---

**THE CONSTRUCTION OF THE CONCEPT: COMPLEMENTARY APPROACHES BETWEEN THE ANALYSIS OF MICHEL FOUCAULT AND INGETRAUT DAHLBERG**

***Abstract:** Analyzes the construction of the concept from the propositions of Michel Foucault, which stems from the discursive formation seeking social formation of the concept, and Ingetraut Dahlberg, where it seeks to build Knowledge Organization Systems with his unit based on concepts that, in turn, is made by the referee, for features, for the term. Thus, this work aims to understand the relationships that the two theories can submit and search their use in a complementary manner.*

***Keywords:** Concept. Knowledge Organization. Conceptual modeling.*

---

**Jackson da Silva Medeiros**

Mestrando em Ciência da Informação na Universidade Federal Fluminense

E-mail: [jacksonmedeiros@yahoo.com.br](mailto:jacksonmedeiros@yahoo.com.br)

Artigo:

Recebido em: 07/03/2010

Aceito em: 29/09/2010